

O ENIGMA PULSIONAL NA ESCOLHA DO OBJETIVO DE SIDONIE CSILLAG, A JOVEM HOMOSSEXUAL

Carina Freitas Passos¹ e Anamaria Silva Neves²

RESUMO

Este artigo discute sobre o caminho que a pulsão percorre na escolha do objeto de Sidonie Csillag, caso apresentado por Freud no texto “A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher”. Fez-se imprescindível delimitar os conceitos de pulsão e objeto, problematizar sobre a escolha de objeto e das variáveis às quais está submetida e analisar o caso clínico em articulação com novos elementos trazidos pela biografia de Sidonie. Elementos como narcisismo, identificação, posição frente ao Outro e frente à castração são importantes para a distinção da escolha que definirá o sujeito como homem ou mulher pela posição que vier a ocupar.

PALAVRAS-CHAVE: Enigma Pulsional. Escolha de Objeto. Jovem Homossexual. Psicanálise.

¹ Psicóloga, mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Rua Rivalino Pereira, 656, Martins, Uberlândia, MG. (34) 99677-4383 | carinapassos2013@gmail.com.

² Professora doutora do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Avenida Pará, 1720, Instituto de Psicologia, IPUFU, campus Umuarama, bloco 2C, sala 34, Umuarama, Uberlândia, MG. (34) 99801-4385 | anamaria@umuarama.ufu.br.

INTRODUÇÃO

Este artigo parte da inquietação sobre um dos conceitos mais fundamentais em psicanálise: pulsão. E, mais ainda, como é possível pensar o enigma pulsional na escolha de objeto. Entende-se com Lacan que a pulsão não é a base da psicanálise e sim, está no seu topo, e, portanto, é irremediavelmente necessário compreender o estatuto da pulsão como central na teoria psicanalítica. Como apontado por Lacan, este conceito se encontra no Seminário 11, como um dos quatro conceitos fundamentais em psicanálise, juntamente com os conceitos de inconsciente, repetição e transferência. (LACAN, 1964/2008).

Tanto quanto os enigmas da pulsão, tem-se a obscuridade do universo feminino como um fato. Mesmo após os eminentes avanços da psicanálise, não é raro, nos dias atuais ainda ouvir-se a célebre pergunta já tão discutida entre psicanalistas: O que quer uma mulher? Tal questionamento ainda pode ser reforçado por algo que pode ser colocado além: O que é uma mulher? Ao pensarmos que as mulheres são número considerável nos consultórios de psicanalistas, a pertinência desse tema está posta, em busca de contribuir para esta clínica de grande complexidade dado o enigma acerca do feminino.

Não raro, nos deparamos com um considerável número de mulheres que, mesmo considerando-se heterossexual, já tiveram, tem ou consideram a possibilidade de ter uma relação homossexual. Há ainda, mulheres que após conseguirem sair de um conturbado relacionamento heterossexual, estabelecem uma parceria amorosa homossexual. O caso proposto para a discussão deste artigo traz a história de vida de uma mulher que ficou conhecida como o caso de homossexualidade feminina analisado por Freud, mas que teve várias parcerias amorosas, pós-análise, que oscilaram entre homens e mulheres.

O que se coloca como discussão neste artigo é pensar qual caminho a pulsão percorre para escolher seu objeto de amor, partindo do pressuposto que a busca pelo objeto ocorre por uma (im)pulsão, ou seja, por um impulso que conduz o sujeito ao encontro do parceiro amoroso, não tendo a priori algo que o defina como uma escolha feita a partir do gênero masculino ou feminino.

Investigar qual é o caminho percorrido pela pulsão na escolha de objeto que não distingue entre homem e mulher traz como condição *sine qua non* delimitar os conceitos de pulsão e objeto, problematizar acerca da escolha de objeto e das variáveis às quais está submetida e analisar o caso clínico em articulação com o que já foi construído do caso e os novos elementos trazidos pela biografia.

A história de Sidonie Csillag, analisada por Freud e citada no texto “A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher” de 1920, pode ser dividida em quatro momentos. O primeiro momento, que se refere à história familiar, relatamos sua relação com a família. No segundo momento, damos ênfase ao caso de Sidonie com Leonie, a dama, com a qual se envolveu e que resultou, posteriormente, em sua tentativa de suicídio, levando-a a ser analisada por Freud. No terceiro momento, trazemos o caso em Freud e algumas construções psicanalíticas que emergiram a partir do caso citado. Posteriormente, destacamos as parcerias amorosas que Sidonie teve durante sua vida, e algumas construções feitas pela própria Sidonie ao final de sua vida, nas entrevistas dadas às biógrafas, pouco antes de sua morte em 1999, dados estes primordiais para o estudo e a construção do caso clínico proposto.

PULSÃO E OBJETO

O caso da Jovem Homossexual remete pensar sobre o caminho que percorre a pulsão em sua escolha de objeto. Para percorrer esse caminho e compreendê-lo - visto que a biografia apresenta elementos de uma escolha de objeto variável, ora apontando para mulheres, ora para homens - vamos nos deter, neste momento aos conceitos de pulsão e objeto.

Pulsão é um conceito que, ainda hoje, causa alguns contratempos. Ponderando acerca da pulsão como um “conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo” (Freud, 1915/2006, p.127), fica posta a relação inseparável entre corpo e mente, entre somático e psíquico. Portanto, a pulsão é um representante psíquico que se apóia no corpo em busca de realização, em busca de satisfação.

Visto que a pulsão não alcança sua satisfação, torna-se constante a busca que, entretanto, nunca será realizada, pois o objeto é desde sempre perdido.

Uma pulsão [...] jamais atua como uma força que imprime um impacto momentâneo, mas sempre como um impacto constante. Além disso, visto que ela incide não a partir de fora, mas de dentro do organismo, não há como fugir dela. O melhor termo para caracterizar um estímulo pulsional seria 'necessidade'. O que elimina a necessidade é a satisfação. (FREUD, 1915/2006, p.124)

Entretanto, a pulsão não se satisfaz a partir de uma necessidade. A necessidade pode ser satisfeita (fome-seio), mas a pulsão não. Na necessidade, a satisfação se dá no nível biológico. Na pulsão, a satisfação teria que alcançar o nível psíquico. Logo, a pulsão não cessa; é, a princípio, estimulada a partir de uma necessidade, mas depois se torna independente dela, errante.

A pulsão é uma constante, não cessa nunca. De acordo com Lacan (1964/2008, p.164), a satisfação é paradoxal, e se apresenta na categoria do impossível. A pulsão busca a satisfação, mas nunca se satisfaz, pois o objeto que a satisfaria é variável, não existe no mundo. O objeto da pulsão é variável, uma vez que sempre busca a satisfação que julga necessitar, mas nunca vai ser encontrado. O sujeito nunca vai encontrar o objeto que cesse sua pulsão, pois esse objeto é o objeto desde sempre perdido, o objeto que Lacan introduz como objeto *a*.

Freud faz alusão a quatro termos que referenciam o conceito de pulsão: pressão (*Drang*), alvo (*Ziel*), objeto (*Objekt*) e fonte (*Quelle*) (FREUD, 1915/2006, p.127-128). A pressão (*Drang*) é o fator motor que designa a quantidade de força investida. Essa característica contempla todas as pulsões, dando a elas uma essência ativa. O alvo (*Ziel*) de uma pulsão será sempre atingir a satisfação. Embora os caminhos percorridos em busca do alcance da satisfação possam ser variáveis, a finalidade permanecerá sempre a de que a pulsão seja satisfeita. A "coisa em relação à qual ou através da qual a pulsão é capaz de atingir sua finalidade" (Idem, p.128) é o objeto (*Objekt*). O objeto da pulsão é variável e, por não estar ligado a ela, é destinado à busca pela obtenção da satisfação. A fonte (*Quelle*) da pulsão ocorre a partir de um órgão do corpo que faz uma inscrição psíquica, um estímulo que faz uma inscrição mental. Freud ressalta, quanto à fonte, uma determinação a partir do corpo, todavia, somente a finalidade é conhecida na vida mental (Ibidem, p.129).

Importante pensar que alvo e objeto da pulsão não são a mesma coisa. “*Ziel* não é *Objekt*.” (Garcia-Roza, 2004, p.69). O alvo é invariável, enquanto que o objeto pode ser o mais variável, visto que não é nenhum.

Embora Freud, em sua primeira dualidade das pulsões proponha a divisão das pulsões primordiais em dois tipos, pulsões do ego, ou de autopreservação e pulsões sexuais, assinala que na origem das neuroses “se encontra um conflito entre as exigências da sexualidade e as do ego.” (FREUD, 1915/2006, p.130). Essa fundamentação não se sustenta por vários motivos, fazendo Freud retomar a teoria das pulsões em uma nova dualidade que se constituirá na divisão entre pulsões de vida e pulsões de morte. Nesse momento, Freud sustenta que pertencentes às pulsões de vida estariam as pulsões sexuais e de autoconservação e que as pulsões de morte seriam as pulsões que estão para além do princípio do prazer. Deter-nos-emos em falar da pulsão sexual, para aprofundarmos na questão central deste trabalho.

Para Freud, a importância da sexualidade na psique humana sempre foi ponto fundamental. Segundo Garcia-Roza (2008, p.96), nos ‘Três ensaios sobre a teoria da sexualidade’, Freud (1905) assinala a perda da inocência infantil, sendo que o “tema desses ensaios é o “perverso polimorfo” com sua sexualidade fragmentada em pulsões parciais vagando entre objetos e objetivos perversos” (GARCIA-ROZA, 2008, p.96).

De acordo com Roudinesco e Plon (1998, p.629), inicialmente, a pulsão sexual não existe como tal, assumindo um conjunto de pulsões parciais que vão posteriormente se separar de seu objeto de apoio e se tornarem autônomas. Os lábios da criança, ao sugarem o leite, satisfazem um instinto, fome, mas que deixa sua marca no psiquismo. O sugar torna a boca uma zona erógena, levando a criança a chupar o bico, os dedos das mãos, os brinquedos, ou outros objetos ao seu alcance, buscando assim outra satisfação, mas não a fome, da qual já foi saciada, uma satisfação que ela alucina ter vivido como plena.

A libido³, enquanto energia das pulsões sexuais, busca encontrar o objeto desde sempre perdido, visto que a experiência para a criança de ter havido um objeto que a satisfizes plenamente é alucinado, não existindo, portanto, esse objeto como tal. Entretanto, conforme Garcia-Roza (2008),

[...] a libido não traz, nela própria, qualquer indicação quanto à natureza do objeto que deve investir. A única referência permanece a fornecida pela experiência primária de satisfação. O movimento da libido é o de repetir a experiência de satisfação, e, como esta foi inicialmente obtida pelo seio materno, a direção desse movimento é a do encontro desse objeto, ou melhor, a de um reencontro. (GARCIA-ROZA, 2008, p.38)

Destarte, a libido tem, inicialmente, como alvo, o próprio eu, para depois transformar-se e assumir uma direção externa ao corpo. Segundo Garcia-Roza (2008, p.43), a libido divide-se, então, em libido de eu ou narcísica e libido de objeto, sendo que ambas dizem respeito à pulsão sexual que inicialmente tem como objeto o próprio eu e posteriormente um objeto externo ao eu. Freud denomina de narcisismo primário, a fase em que o eu é o objeto da libido e, posteriormente, narcisismo secundário, fase em que o eu passa a investir sua libido em objetos externos, porém retornando ao eu.

O desenvolvimento da pulsão sexual acontece no contato da criança com seu primeiro objeto, o seio materno, que será o componente oral da pulsão sexual. Esse contato com o objeto (que satisfaz a necessidade da criança) que é, simultaneamente, o componente erótico obtido pelo ato de sugar, vai abandonar o objeto externo, seio, substituindo uma área do próprio corpo.

Sugar o seio materno é o ponto de partida de toda a vida sexual, o protótipo inigualável de toda satisfação sexual ulterior, ao qual a fantasia retorna muitíssimas vezes, em épocas de necessidade. Esse sugar importa em fazer o seio materno o primeiro objeto da pulsão sexual. (FREUD, 1917/2006, p.319)

Por estar localizado na mãe o primeiro objeto que satisfaz a criança, posteriormente, a criança vai tomar a mãe como primeiro objeto amoroso. Tal fenômeno transcorre nos meninos e nas meninas. Esse fato é importante para se

³ Freud (1905/2006, p.128) faz uma analogia de que a libido seria, para a pulsão sexual, o equivalente ao que a fome é para a pulsão de nutrição.

pensar nas escolhas amorosas da jovem homossexual, visto que primordialmente a mãe foi o objeto de amor.

Entretanto, em relação à pulsão sexual, segundo Garcia-Roza (2008, p.31), não há nada que seja indicativo do objeto, visto que ele é variável. Ainda de acordo com esse autor, a pulsão sexual pode tomar qualquer objeto como seu, sendo até mesmo nenhum. Tal fato remete à não existência do objeto da pulsão, visto que esse objeto é o objeto que busca reencontrar, mas que foi desde sempre perdido.

Neste ponto, cabe salientar: se a pulsão não tem um objeto pré-estabelecido, é pertinente pensar que será pelo fato de o objeto ser variável que Sidonie, a jovem homossexual de Freud, vai variar entre homens e mulheres em busca de seu objeto perdido?

Lembrando o que Freud diz sobre a independência do objeto em relação à pulsão, e sobre o fato de que qualquer objeto pode ser levado a exercer para ela a função de um outro, Lacan sublinhou que o objeto da pulsão não pode ser assimilado a nenhum objeto concreto. Para apreender a essência do funcionamento pulsional, é preciso conceber o objeto como sendo da ordem de um oco, de um vazio, designado de maneira abstrata e não representável: o objeto (pequeno) *a*. (ROUDINESCO; PLON, 1998. p. 632)

Em contrapartida à formulação freudiana sobre as pulsões, Lacan “destaca o fato de não haver uma base comum entre instinto e pulsão” (BROUSSE, 1997, p.128). Com isso, Lacan introduz em sua releitura freudiana de que a pulsão se relaciona não mais a uma fonte biológica, mas sim entre o Outro e a sexualidade. Lacan em seus Escritos (1960/1998, p.863) traz a noção do seio materno, enquanto objeto *a*, não se tratando, entretanto, do seio realmente da mãe, do seio biológico, mas da pré-castração figurada a partir do desmame. Logo, não é o seio enquanto objeto biológico que o sujeito tem como alvo de sua pulsão, mas o seio enquanto objeto perdido. Para Lacan (1964/2008, p.166),

O objeto da pulsão, como é preciso concebê-lo, para que se possa dizer que, na pulsão, qualquer que ela seja, ele é indiferente? Para a pulsão oral, por exemplo, é evidente que não se trata de modo algum de alimento, nem de lembrança do alimento, nem de eco de alimento, nem de cuidado da mãe, mas de algo que se chama o seio e que parece que vai sozinho porque está na mesma série. Se Freud nos faz esta observação de que o objeto na pulsão não tem nenhuma importância, é provavelmente porque o seio deve ser revisado por inteiro quanto à sua função de objeto (LACAN, 1964/2008, p. 166).

As fezes também configuram desde Freud esse objeto, que é também um objeto perdido por natureza. Isso não diz respeito à ligação do objeto da pulsão anal ao excremento. “Há outras funções excrementais e há outros elementos a participarem delas além da margem do ânus que, no entanto, é especificamente o que, igualmente para nós, se define como a fonte e a partida de certa pulsão” (LACAN, 1964/2008, p.166).

Sobremaneira, Lacan introduz dois novos objetos da pulsão além do seio e das fezes, propostos por Freud. A voz e o olhar tomam um estatuto de objeto causa de desejo, de objetos alvo das pulsões ou como Lacan propõe, objetos pequeno *a*. De acordo com Fuentes (2003, p.64), a pulsão sexual vai sempre contornar os objetos *a* que surgem como substituição de uma pequena parte do Outro sexuado que não é possível ser alcançado. E é pela impossibilidade de se alcançar o Outro sexuado que Lacan caracteriza o objeto *a* como dessexualizado.

Para Lacan (1960/1998, p.863), toda pulsão é pulsão sexual e, representa a sexualidade no inconsciente. Dada a variedade de objetos *a*, toda pulsão é pulsão parcial, pois o objeto é variável.

É um revolver esses objetos para neles resgatar, para restaurar em si sua perda original, que se empenha a atividade que nele denominamos de pulsão (*Trieb*) (LACAN, 1960/1998, p. 863).

Conforme apontado anteriormente, a pulsão busca alcançar o objeto desde sempre perdido; portanto, de acordo com Brousse (1997, p.126), é a pulsão que define o objeto. Se a pulsão surge da demanda do Outro, é essa demanda que vai definir o objeto.

Se a criança chora e a mãe lhe diz “mame”, nesse momento a mãe, enquanto Outro da criança, está inserindo-a no mundo da linguagem. Pedindo a ela que “mame”, e a criança “mama”, a criança está atendendo à demanda do Outro (Mãe), visto que poderia ser que, ao invés de estar com fome a criança estivesse com dor de barriga, frio, sede. Nesse momento, há fusão entre os diversos papéis do objeto, “entre o objeto de desejo, o objeto causa de desejo e o objeto que o sujeito pensa que o Outro demanda de si” (BROUSSE, 1997, p.126).

Ao mesmo tempo em que Sidonie Csillag quer ser objeto de desejo da mãe, ela atende à demanda da mãe, abrindo mão de todos os homens para ela. A mãe, que já tem ao pai, e aos irmãos que ela tanto ama, diz com o olhar a Sidonie “Tire suas mãos daí, este já é meu”, quando a jovem demonstra interesse a algum homem. Por querer ser desejada pela mãe, ela abre mão de todos os homens, atendendo assim, à demanda do Outro Materno.

Assim sendo, podemos pensar a partir da definição que Lacan, no Seminário 11, de que a pulsão é “resultado da operação significativa sobre a necessidade” (BROUSSE, 1997, p.123), tendo como produto um resto, que podemos traduzir como o objeto *a*. O resultado da operação significativa, portanto, remete à demanda do Outro.

O objeto *a*, enquanto objeto falta, é que vai garantir a constância da pulsão. “Nenhum objeto é o objeto *a* e todos os objetos se apresentam como pretendentes do seu lugar” (GARCIA-ROZA, 2004, p.68). Não importa que não exista um objeto que substitua o objeto *a*, visto que não há um objeto absoluto, e o objeto *a* não pretende ocupar esse lugar, o que importa é que exista a falta que cause o sujeito, por ser essa falta-a-ser o que movimenta o sujeito na rede de significantes. O movimento da pulsão ocorre contornando o objeto *a*, possibilitando a pulsão de retornar à fonte e continuar o movimento. É, portanto, o objeto *a* enquanto falta que faz com que a pulsão seja sempre constante.

[...] Dizer que a pulsão “contorna” o objeto, não significa que ela o faça efetivamente, mas que a inexistência do objeto absoluto faz com que uma distância seja permanentemente marcada entre o objeto faltoso e o objeto para a qual ela se dirige. É essa distância – índice de falta – que faz com que ela retorne em direção à fonte e recomece seu movimento em direção ao objeto. Não podendo se satisfazer senão parcialmente, já que nenhum objeto lhe é plenamente adequado, permanece sempre uma insatisfação que impede à pulsão esgotar-se no objeto (GARCIA-ROZA, 2004, p.68).

Desse modo, podemos pensar no caso de Sidonie como uma representação da pulsão que vai sempre buscar incessantemente pelo objeto perdido, demonstrando como a pulsão é errante e plástica. Sidonie, durante toda sua vida, até sua velhice, não esgota de contornar o objeto em busca de algo perdido, tendo uma vida afetiva bastante intensa.

Freud (1905) compõe a teoria da sexualidade com a noção de bissexualidade a que todos os seres humanos estão destinados. De acordo com Coutinho Jorge (2008, p.35), essa noção versa sobre a “oposição entre a heterossexualidade e a homossexualidade, presente em cada sujeito em sua **escolha de objeto**” (JORGE, 2008, p.35). Toda criança faz uma transição de sua primeira escolha de objeto, a mãe, para a escolha posterior, entretanto, de formas distintas entre menino e menina.

ESCOLHA DE OBJETO

Devemos lembrar-nos de que também a sexualidade normal depende de uma restrição na escolha de objeto.
Sigmund Freud (1920/2006, p.162)

Em psicanálise, o termo “escolha” não deve ser empregado literalmente como o ato de optar por algo, conscientemente. De acordo com Laplanche e Pontalis, o termo “escolha” não deve ser tomado “num sentido intelectualista (escolha entre diversos possíveis igualmente presentes).” (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001, p.154). A escolha é feita a partir de uma marca inconsciente, irreversível, em que o sujeito elege seu tipo de objeto de amor.

Em Freud está em relevo a complexidade que se coloca frente à escolha de objeto:

A escolha de objeto da época da puberdade tem de renunciar aos objetos infantis e recomeçar como uma corrente sensual. A não confluência dessas duas correntes tem como consequência, muitas vezes, a impossibilidade de se alcançar um dos ideais da vida sexual – a conjugação de todos os desejos num único objeto.⁴ (FREUD, 1905/2006, p.189)

⁴ Sobre essas duas correntes citadas por Freud ver mais em FREUD, Sigmund, Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor II) (1912). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 11, p.181-195.

A biografia citada, como caso clínico a ser investigado, apresenta uma oscilação de objeto que ora é uma mulher, ora homem, o que pode significar como não tendo ocorrido, conforme citado anteriormente, “a conjugação de todos os desejos num único objeto” (FREUD, 1905/2006, p.189). O caso fica exemplificado em Freud como um caso de homossexualidade feminina, mormente, por fazer menção somente ao caso que a jovem teve com a “Dama”. É importante ressaltar os fatores influenciadores na escolha de objeto, considerado pela psicanálise como objeto de amor.

Para percorrer o caminho de construção do caso em sua escolha de objeto, introduzimos o tema a partir de alguns textos freudianos em diálogo com outros autores.

No artigo intitulado ‘Três ensaios sobre a teoria da sexualidade’, de 1905, Freud destaca que a escolha de objeto ocorre em dois tempos: a primeira antes do período de latência (por volta dos dois a cinco anos), e a segunda, na puberdade. A segunda fase “determina a configuração definitiva da vida sexual.” (FREUD, 1905/2006, p.189); contudo, a escolha de objeto se dará ou pelo prolongamento da escolha infantil ou por uma renovação que ocorrerá na puberdade.

Em nota acrescentada em 1915 aos ‘Três ensaios’, Freud destaca a influência dos pais na escolha de objeto.

Entre as influências acidentais exercidas sobre a escolha do objeto, vimos ser digna de nota a frustração (a intimidação sexual precoce), e observamos também que a presença de ambos os pais desempenha um papel importante. A falta de um pai forte na infância não raro favorece a inversão. (FREUD, 1915 (1905)/2006, p.138)

Tal citação é pertinente, frente ao caso de Sidonie C., visto que havia em sua vida uma presença claudicante do pai e uma mãe que a repreendia frente à menor demonstração de interesse apresentada pela jovem a algum homem. “Uma vez ou outra, nas férias de verão, tinha acontecido de cruzar com homens, que arriscou observar com uma pontinha maior de interesse, mas recebeu imediatamente um cortante e ameaçador olhar da mãe, que sinalizava: ‘Tire suas mãos daí, este já é meu.’ (RIEDER & VOIGT, 2008, p.150).

Freud destaca que no caso das pulsões sexuais, o objeto pode ser muito variado, o que não ocorreria com outros tipos de pulsão. Diz:

[...] é esclarecedor sobre a natureza da pulsão sexual o fato de ela admitir tão ampla variação e tamanho rebaixamento de seu objeto, coisa que a fome, muito mais energeticamente agarrada a seu objeto, só permitiria nos casos mais extremos. (FREUD, 1905/2006, p.140)

Sidonie, em suas escolhas de objeto, nos remete a sustenta essa passagem freudiana, tanto com a oscilação entre homens e mulheres quanto um rebaixamento dos objetos como, a “Dama”, com sua reputação duvidosa, e Fritz, mulherengo convicto.

Podemos pensar ainda, lendo em Freud os ‘Três ensaios’, na possibilidade da escolha de objeto ocorrer por um traço, por um objeto fetichista. Rieder e Voigt (2008) destacam na biografia de Sidonie várias passagens com alusão a dois objetos de fixação da libido, o olhar e a mão.

Em 1905, Freud destaca que há “casos em que o objeto sexual normal é substituído por outro que guarda certa relação com ele, mas que é totalmente impróprio para servir ao alvo sexual normal.” (FREUD, 1905/2006, p.145). Ressalta ainda que, nesses casos, para que o alvo sexual seja alcançado, a condição fetichista tem que estar presente no objeto sexual. A biografia de Sidonie enfatiza que, em todas suas parcerias amorosas “um simples toque de mão” e “um olhar a tinham podido excitar muito mais que as regiões do corpo em que todos costumam concentrar seu desejo!” (RIEDER & VOIGT, 2008, p.415). Tais elementos fazem pensar que a escolha de Sidonie pode ter se elegido por um objeto fetichista (mão ou olhar) a partir de sua relação com a mãe.

O que está em questão nas escolhas de Sidonie não levam à satisfação da pulsão sexual considerada como “normal”, ou seja, o coito. Havia na jovem um terror em relação à “‘coisa’ ameaçadora entre as pernas dos homens”, ao “local úmido nas mulheres”, que a causava angústia e repugnância que “lhe provocava uma língua dentro da sua boca!” (RIEDER & VOIGT, 2008, p.415). O contato tátil e o olhar não seriam reconhecidos como alcance ao alvo sexual normal (coito), o que sustenta pensar a mão e o olhar enquanto objetos fetichistas.

Certo dia, numa dessas viagens de trem – deve ter cochilado –, sente uma mão sobre seu joelho. Não sabe dizer o que a teria despertado: se o vento entrando pela janela ou a mão desconhecida que, como um raio, a fez estremecer. O que experimenta é puro prazer, como havia muito não sentia com tanta facilidade. Conserva os olhos firmemente fechados e se ajeita, como se continuasse a dormir. Por quanto tempo pode prolongar esse momento? Não quer de modo algum ver a quem pertence essa mão, não quer mais nenhum movimento dela, quer apenas que ela permaneça estendida sobre sua coxa e que essa sensação de bem-estar nunca, jamais termine. (RIEDER & VOIGT, 2008, p.316).

A escolha do objeto poderá ocorrer, portanto, como sustentado anteriormente, por um traço, ou seja, poderá ser uma escolha fetichista. De acordo com Freud,

Na escolha do fetiche manifesta-se [...] a influência persistente de uma impressão sexual recebida, na maioria das vezes, na primeira infância, o que se pode comparar com a proverbial persistência do primeiro amor. (FREUD, 1905/2006, p.146)

Esse aspecto nos remete ao caso no momento em que houve a marca desse traço estabelecida em Sidonie.

Desde muito jovem, Sidonie ficava sempre cortejando a mãe, dando-lhe flores e chocolates, buscando receber seu amor e carinho como o que era dispensado aos irmãos e que ela não recebia. Não recebia nem um simples afago. Entretanto, Sidonie não conseguia deixar de achar a mãe maravilhosa e, algumas vezes, quando a mãe deitava-se no canapé após o almoço, a jovem corria para ela e, precipitadamente, pegava sua mão e beijava-a. Este era o único contato que Sidonie tinha com a mãe que, mesmo diante de suas demonstrações de afeição, jamais apertou “nos braços a filha carente e ansiosa” (RIEDER & VOIGT, 2008, p.62). Da mesma forma, Sidonie repetia com Leonie a única forma de toque possível: sentava-se a seus pés, fitando-a e beijando sua mão. Só gostava de olhar Leonie quando o “quadro estava perfeito”: a dama deitada no canapé.

Tais aspectos levam a pensar acerca da fixação da libido no objeto mão, o que poderia justificar como um objeto de fetiche, no qual a escolha é orientada, não sendo, portanto, um objeto homem ou mulher, e sim, uma marca, um traço da mão-mãe que estaria sendo revivido por Sidonie. A sequência que ocorreu por toda a vida de Sidonie, pode ser sustentada a partir da biografia em que Sidonie dizia: “Foram aquelas belas mulheres com suas mãos inesquecíveis e o andar incompatível que imprimiram em sua vida essa marca singular.” (RIEDER & VOIGT, 2008, p.415). Isso evidencia que ela parecia reviver com as mulheres a primeira

experiência amorosa obtida com a mãe, e não que as mulheres tenham imprimido, realmente, essa marca, mas sim, que ela reconhecia nas mulheres a marca que lhe era importante.

No artigo 'Sobre o Narcisismo: Uma introdução' (1914/2006, p.94), Freud cita que “os primeiros objetos sexuais de uma criança são as pessoas que se preocupam com sua alimentação, cuidados e proteção”, sendo, portanto, a mãe ou cuidadora substituta, independentemente de ser menino ou menina. Análogo a esse tipo de escolha, que acontecerá com base na ligação da libido a um objeto externo ao corpo, que Freud chamou de escolha de objeto analítica, o autor ressalta um segundo tipo de escolha em que a libido estaria ligada ao próprio sujeito, chamando-a de escolha de objeto narcísica. Neste tipo de escolha, o eu tomaria como modelo não sua mãe ou cuidadora primeira, ou seu pai, mas o seu próprio eu.

Freud aponta, contudo, que não haveria como separar um grupo de sujeitos que escolheria por um ou outro tipo de escolha (narcísica ou analítica), presumindo que “ambos os tipos de escolha de objeto estão abertos a cada indivíduo, embora ele possa mostrar preferência por um ou por outro.” (FREUD, 1914/2006, p. 95).

Neste ponto, podemos pensar que está presente em Sidonie a escolha de objeto do tipo analítica, por ela ligar sua libido a um objeto externo a ela, que podemos ainda pensar como modelo sua mãe; como por exemplo, Leonie e Fritz, que não dispensam a ela nenhuma atenção nem carinho.

Não encontramos na biografia elementos que auxiliem na compreensão da repulsa sexual de Sidonie; entretanto, concordamos com André no que tange ao valor traumático dos encontros que provocam a repulsa por “estar ligado ao fato de que fazem surgir para o sujeito um *real dessexualizado* sobre o qual ele não pode dizer literalmente nada [...]” (ANDRÉ, 1998, p.97). Esse elemento é caracterizado por Sidonie na biografia, sobre o relato do médico que a atendeu depois de sua terceira tentativa de suicídio. “A senhora é uma verdadeira assexual”, disse o médico a ela. De acordo com Sidonie, este médico compreendeu como ela se estruturava e o que se passava com ela, no que as autoras ressaltam que Sidonie diz “não pode senão concordar” (RIEDER & VOIGT, 2008, p.415).

Freud destaca que considera histérica “sem hesitação, qualquer pessoa em quem uma oportunidade de excitação sexual despertasse sentimentos preponderantemente ou exclusivamente desprazerosos, fosse ela ou não capaz de produzir sintomas somáticos”. (FREUD, 1905[1901]/2006, p. 37). Entretanto, não poderíamos supor se tratar de um caso de perversão quanto à escolha de objeto fetichista?

O caso de Sidonie C. coloca um impasse da estruturação deste sujeito. Nesta perspectiva, não se faz necessário pensar a questão estrutural, e sim, no enigma pulsional na escolha de objeto que pode ser destacado em diferentes estruturas. De acordo com Zenoni (2000, p.40), as diferentes estruturas em psicanálise estão relacionadas aos diferentes estágios pulsionais, sendo que “A posição que nós tomamos, com Lacan e com Freud, é considerar que todas as pulsões estão em jogo em todas as estruturas clínicas e o que diferencia as estruturas clínicas são as modalidades das pulsões.” (ZENONI, 2000, p.40).

Contudo, o caso nos remete a uma falha na operação de recalque, ou seja, na inscrição fálica, melhor dizendo, na castração. De acordo com André (1998), “é pela via do recalque que se opera a sexualização do corpo e sua separação do organismo.” (ANDRÉ, 1998, p.99). Um corpo é mais que um organismo, é um organismo após ter sido sexualizado, ter-se inserido na linguagem.

Dupim (2010) explana sobre as formas de se definir um homem ou uma mulher, que se processará somente a partir da fórmula da sexuação, proposta por Lacan, deliberando que não ocorre pelo biológico, e sim pela inscrição simbólica dos sexos. Ressalta, portanto, que “não há uma condição única, universal, para a escolha de objeto” (DUPIM, 2010), e que a escolha não se processará pelo fator biológico, mas pela inscrição no simbólico, tornando cada sujeito homem ou mulher.

Ainda cabe destacar a questão da identificação enquanto atravessadora tanto do processo de sexuação quanto da escolha de objeto.

De acordo com Brodsky (2003), falar de escolha de objeto a partir da identificação é complexo, visto que “o sujeito não se identifica sempre com a mesma coisa.” (BRODSKY, 2003, p.34). Essa autora fundamenta ainda que, para Lacan, a identificação não dá conta do todo da sexuação, pois esta última depende não

somente do significante fálico, mas da posição do sujeito em relação a esse significante, seja de aceitação ou rechaço (BRODSKY, 2003, p.34). Como ressaltado anteriormente, a sexuação de Sidonie apresenta alguns impasses em relação à sua posição em relação ao significante fálico. Podemos pensar em Sidonie enquanto sujeito que aponta a falta no campo do Outro: “Fiquei assim por causa da minha mãe” (RIEDER & VOIGT, 2008) quando relata sobre os impasses de sua sexualidade. Aponta que Wjera nunca a havia amado e só brincado com ela, quando Wjera vai embora e pede que Sidonie não a procure mais, por causa de uma não decisão por assumir um compromisso e uma relação estável por parte de Sidonie. Aponta ainda, Freud, como sendo um “imbecil”, e como o tratamento com ele havia sido inútil.

Encontramos em Ceccarelli (2004, p.249) o estabelecimento de uma relação entre o perverso sexual, o sexual perverso⁵ e suas relações com a pulsão, conceitos que auxiliam a pensar nas escolhas de Sidonie. Segundo Ceccarelli (2004),

O objetivo destas pulsões múltiplas e anárquicas é o que há de mais intercambiável, parcial e instável: o que conta é a obtenção de prazer. Pouco importa que ele seja adulto ou criança, humano ou animal, vivo ou inanimado: tudo é bom dependendo do lugar e das circunstâncias. Dito de outra forma: enquanto nas perversões sexuais observa-se uma organização em torno de uma pulsão parcial fixada a uma forma monótona e repetitiva de satisfação, no sexual perverso, ao contrário, tudo é bom desde que a pulsão seja satisfeita: o sexual perverso prescinde a qualquer fixação libidinal. (CECCARELLI, 2004, p.249)

Para Sidonie, não havia diferença entre seus objetos, fossem eles homens ou mulheres e para conseguir alcançar o objeto de seu desejo, não media esforços. Com isso, a insistência da pulsão em obter satisfação a qualquer custo e sua relação com o sexual perverso. O que Sidonie queria era gozar a qualquer custo fazendo alusão ao caminho de suas escolhas que perpassam fundamentalmente por sua mãe. A mãe de Sidonie era uma mulher que flertava com muitos homens. De acordo com Rieder e Voigt (2008, p. 63), Emma Csillag “Flerta e é tão leviana que a filha quase morre de embaraço e repugnância. Os cavalheiros rondam a mãe como

⁵ Para Ceccarelli (2004) o sexual perverso, na teoria freudiana, equivale ao que podemos chamar de manifestações ditas perversas da sexualidade, não de uma perversão estruturante, mas de manifestações que podem ser encontradas em todos os seres falantes, independente de sua estrutura.

traças.” (RIEDER & VOIGT, 2008, p.63). A mãe tinha, ainda, todas as mulheres como rivais, até mesmo a filha, o que pode ter levado Sidonie, a não se ligar a nenhum objeto e ainda, a abrir mão dos homens em nome da mãe.

Contudo, além das marcas impressas pela mãe, podemos pensar no relacionamento de Sidonie com Leonie como uma relação que também imprime marcas em sua não ligação a nenhum objeto. Assim como Leonie, que se relacionava com homens e mulheres, mas tinha uma predileção pelas mulheres, Sidonie se relaciona com ambos os sexos, mantendo também essa prevalência pelas mulheres. Cabe destacar, portanto, a posição que Sidonie assume na teoria da sexualização.

De acordo com Vicente (2003),

A lógica da sexualização encontrou seu desenvolvimento, primeiro, com a teoria do falo, avançando numa teorização do objeto a, passando pela apresentação da teoria dos gozos, culminando com a sexualidade feminina e com a logicização da função paterna. (VICENTE, 2003, p.70)

A escolha sexual está para além do falo. A posição feminina que ocorre pela repartição sexual a confere em não-toda fálica, não estando a mulher, portanto, toda submetida à lógica fálica. Com isso, podemos pensar na lógica a que Sidonie está na posição sexual. Entendemos que ela se posiciona do lado feminino da sexualização, visto que ela busca é um gozo para além do falo, sem limites.

A escolha de Sidonie pode ser a escolha de muitos sujeitos. Por vezes, uma mulher pode estar posicionada do lado masculino e não ser homossexual. Um homem pode estar na lógica feminina e não ser homossexual. Gontijo (2004) destaca que “dizer que a homossexual toma como referência a conduta masculina é um passo aquém da teoria do inconsciente, pois isto seria o mesmo que dizer que o pênis é sinônimo de falo” (p.308).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, não nos detivemos em estabelecer uma questão diagnóstica, visto que, pensando a partir do enigma pulsional na escolha de objeto, podemos concluir que Sidonie não foi toda inscrita na lógica fálica, o que a coloca no campo do feminino, ou seja, no campo do não-toda fálica. Entretanto, há uma falha na

inscrição fálica, do recalque, que não regula seu gozo, não estabelecendo uma escolha.

A análise do caso apresenta a questão dos impasses colocados pela sexualidade. A bissexualidade original proposta por Freud, e que adquiriu estatuto de universalidade, tem um além, com a teoria da sexuação de Lacan, o que nos impulsionou a buscar pelos caminhos possíveis da pulsão na escolha do objeto.

Com a ampla gama elementos oriundos da biografia de Sidonie Csillag, podemos pensar que, por Freud não ter tido acesso a tais dados, a hipótese de que a jovem teria feito sua escolha pela homossexualidade devido à frustração por seu pai ter dado um filho à mãe e não a ela, não se sustenta por si só. Não podemos desconsiderar a relação de Sidonie com sua mãe, como fator relevante em sua escolha de objeto. A particularidade da escolha de objeto passa pelo enigma pulsional de forma singular a cada sujeito. E é por sustentarmos esse pressuposto com a psicanálise que cabe ressaltar que a escolha de objeto nem sempre está vinculada a uma questão de gênero, e sim pensada a partir da singularidade do caso a caso.

Permanece a inquietação: para entendermos melhor o caso de Sidonie devemos recorrer à questão do gozo além do falo, ou melhor, a um gozo não regido pelo falo? Possivelmente, articular o caso com o gozo feminino torna-se pertinente para futuras investigações. Ou pelo menos, torna-se importante aproximar o caso das teorias de sexuação em Lacan, o gozo fálico e o não-fálico.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Serge. A Histórica e a Feminilidade: A Repulsa. In. **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p.86-102.
- BRODSKY, Graciela. A escolha do sexo. **Clique: Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano. – O sexo e seus furos.** Belo Horizonte, nº2, agosto 2003. p. 30-35.
- BROUSSE, Marie-Hélène. A pulsão I. In. FELDSTEIN, Richard; FINK, Bruce; JAANUS, Maire (orgs).**Para ler o seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p.115-124.
- BROUSSE, Marie-Hélène. A pulsão II. In. FELDSTEIN, Richard; FINK, Bruce; JAANUS, Maire (orgs).**Para ler o seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p.125-133
- CECCARELLI, Paulo. A perversão do outro lado do divã. In. PORTUGAL, Ana Maria [et al.] (org.). **Destinos da Sexualidade.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p.243-257.
- DUPIM, G. V. S. **Um tipo particular de escolha de objeto nas mulheres.** In: IV Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e X Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, 2010, Curitiba. Anais do IV Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e X Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, 2010.
- ELIA, Luciano. Psicanálise: clínica & pesquisa. In. ALBERTI, Sonia e ELIA, Luciano (orgs.). **Clínica e Pesquisa em Psicanálise.** Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000. p. 19-35.
- FREUD, Sigmund. Fragmento da análise de um caso de histeria. (1905[1901]). In. FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. VII, p.13-116.
- FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (1905). In. FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. VII, p.117-231.
- FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução. (1914). In. FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XIV, p.75-108.
- FREUD, Sigmund. As pulsões e seus destinos. (1915). In. FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XIV, p.115-144.
- FREUD, Sigmund. Conferência XX – A vida sexual dos seres humanos. (1917). In. FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XVI, p.309-324.

FREUD, Sigmund. Além do Princípio do Prazer. (1920). In. FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XVIII, p.11-75.

FREUD, Sigmund. A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. (1920). In. FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XVIII, p.155-183.

FUENTES, Maria Josefina Sota. Sexo, desejo e devastação. **Clique: Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano. – O sexo e seus furos**. Belo Horizonte, nº2, agosto 2003. p.62-67

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Narcisismo. In. GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo, **Introdução à Metapsicologia Freudiana**. 7.Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. p.18-96.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. O objeto absoluto falta. In. GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **O mal radical em Freud**. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004. p.64-73.

GONTIJO, Thaís. Quando uma mulher ama outra. In. PORTUGAL, Ana Maria (Org.). **Destinos da Sexualidade**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 303-308.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. Pulsão e falta: o real. In. JORGE, Marco Antônio Coutinho. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**.5.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. p. 17-64.

LACAN, Jacques. Posição do inconsciente (1960). In. LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.p.

LACAN, Jacques. Posição do inconsciente. (1960) In. LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.p. 843-864.

LACAN, Jacques. Desmontagem da pulsão (1964). In. **Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.p.159-170.

LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. **Vocabulário de Psicanálise**. 4ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RIEDER, Inês e VOIGT, Diana. **Desejos secretos: a história de Sidonie C., a paciente homossexual de Freud**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p.628-633.

VICENTE, Sônia."Não há relação sexual senão ali onde há sintoma". **Clique: Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano. – O sexo e seus furos**. Belo Horizonte, nº2, agosto 2003. p.68-73.

ZENONI, Alfredo. A Clínica da Psicose: O Trabalho feito por muitos. **Abrecampos – Psicanálise e Instituição – A Segunda Clínica de Lacan**. Ano I – nº 0 – Junho/2000.

THE INSTINCTUAL PUZZLE IN SIDONIE CSILLAG'S OBJECT OF CHOICE, A YOUNG HOMOSEXUAL

ABSTRACT

This article discusses the impulsions in Sidonie Csillag's choice of object, object presented by Freud's text "The psychogenesis of a case of homosexuality in a woman". It was essential in this paper delineate the concepts of impulsions and object, problematize about the choice of object and the variables to which it is submitted and analyze the clinical case in conjunction with the new elements brought by Sidonie's biography. Elements such as narcissism, identification, position towards the Other and towards castration are important to distinguish the choice that will define the subject as a man or woman according to the position it occupies.

KEYWORDS: Instinctual Puzzle. Choice of Object. Young Homossexual. Psychoanalysis.

L'ÉNIGMA PULSIONNELLE EN CHOIX DE L'OBJET DE SIDONIE CSILLAG, UN HOMOSEXUAEL JEUNE

RÉSUMÉ

Cet article traite de la façon dont l'entraînement se déplace dans le choix de l'objet Sidonie Csillag, si elle est présentée par Freud dans le texte « La psychogenèse d'un cas d'homosexualité chez une femme. " Il était essentiel de définir les concepts de lecteur et de l'objet, de discuter sur le choix d'objet et les variables qui sont soumis et analysent le cas clinique en association avec de nouveaux éléments apportés par la biographie de Sidonie. Des éléments tels que le narcissisme, l'identification, la position face à l'Autre et de la castration sont importants pour distinguer le choix qui va définir le sujet comme un homme ou une femme pour le poste à occuper.

MOTS-CLÉS : Énigma Pulsionnelle. Choix de L'Objet. Jeune Homosexuel. La Psychanalyse.

Recebido em: 20-07-2016

Aprovado em: 11-10-2016

© 2016 Psicanálise & Barroem revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>